

Davos, o foro da desigualdade

Há poucos momentos em que o capitalismo global se mostra publicamente em toda a sua obscenidade e poder, como faz todos os anos em Davos. No Fórum Econômico Mundial tudo acompanha: o lugar (um complexo luxuoso em uma luxuosa e bem guardada cidade paraísos fiscais no coração da Europa), o cenário (forças de segurança, lobistas e jornalistas se misturam com uma das mais altas densidades de poder econômico e político que podem ser contempladas no mundo, com suas reuniões e jantares privados e os preços exorbitantes que acompanham qualquer serviço), os conteúdos e, sobretudo, as empresas. Como se isso não bastasse, este ano o encerramento é feito por Donald Trump, o “perigoso populista anti-globalização” que, após a vantajosa reforma fiscal para as multinacionais e bilionários, é recebido em Davos como filho pródigo. Nem mesmo as melhores distopias cinematográficas teriam produzido um roteiro tão retumbante.

Os poderosos ali reunidos, que não são exatamente tolos, são muito cuidadosos para amortecer a obscenidade da nomeação. Por isso, insistem continuamente na natureza informal e não vinculante do encontro, incluindo apresentações sobre a economia verde -bem-vinda Sr. Green Capitalism! -, a possibilidade de conhecer em primeira pessoa por alguns minutos o drama dos refugiados (como se fosse um zoológico humano), o feminismo neoliberal e muitas das críticas que, há várias décadas, os movimentos sociais vêm fazendo sobre o paradigma do crescimento descontrolado e suas consequências desastrosas para as pessoas, os povos e o planeta são até incorporadas ao diagnóstico. Mas precisamente porque não são estúpidos, uma vez cumprido o decoro, os papéis se molham, as piscadelas reaparecem e as receitas voltam ao seu curso habitual.

Davos é também uma desculpa para que outros atores aproveitem, aproveitemos, o momento obsceno para denunciar aqueles que ali

se encontram e as consequências das suas decisões. É o que, por exemplo, a Oxfam faz todos os anos, publicando o seu relatório sobre a desigualdade social no mundo. Os dados confirmam uma e outra vez que o fosso entre ricos e pobres não só não está a diminuir como está a aumentar constantemente. E que o faz precisamente por causa da suposta “saída da crise” de que 2018 é o 10º aniversário. Figuras que mais uma vez desmantelar a tão hackeada “recuperação econômica” com que somos bombardeados dia após dia a partir de tribunais oficiais e oficiais. Porque é evidente que a economia espanhola está a crescer, como está a acontecer na Europa e no resto do mundo. Mas, como lá, este crescimento não é compartilhado igualmente. Em 2017, o 1% mais rico capturou 40% de toda a riqueza criada em Espanha, enquanto os 50% mais pobres – sim, metade da população espanhola – mal recolheram 7%.

Esta tendência tem reforçado uma desigualdade na distribuição da riqueza acumulada que não se fala nos discursos grandiloquentes sobre a recuperação: hoje, na Espanha, os 10% mais ricos têm mais do que os 90% restantes. E dentro desse seleto clube, só o 1% mais privilegiado acumula 25% de toda a riqueza do país. Se a traduzirmos para a linguagem cotidiana, as palavras se tornam ainda mais dolorosas: apenas um punhado de pessoas tem até vários milhões. E esta desigualdade não pára de crescer. Graças a ele, há agora 25 espanhóis na lista de multimilionários da Forbes. E sim, multimilionários significa que, pelo menos, têm 1 bilhão de euros.

Talvez não tenhamos entendido bem e, por recuperação, eles se referiam apenas às contas correntes daqueles que andam por Davos e outros fóruns semelhantes. Dado que eles não são nem comidos nem aquecidos, não é o caso que com os brotos verdes eles realmente quiseram nos falar sobre as 100 notas que estão se tornando cada vez mais volumosas nas carteiras dos habituais? Porque só saem daqui aqueles que nunca entraram na crise e essa famosa luz ao fundo do túnel começa a assemelhar-se à da fogueira onde os direitos de muitos são queimados para

que os poucos possam continuar a alimentar a sua máquina de guerra econômica.

Em tempos marcados, especialmente no Ocidente, pela centralidade da identidade e da segurança como novos paradigmas, a combinação de escassez e desigualdade emerge ao mesmo tempo como resultado, causa e eixo central do novo ciclo histórico vivido tanto pela Europa em geral como pela Espanha em particular. Portanto, nenhum projeto transformador que se preze pode deixar de colocar a luta contra a desigualdade no centro de sua ação. Não haverá outra Europa nem qualquer mudança política que mereça esse nome se, na sua gestação, não tiverem feito desigualdades, de todas as desigualdades crescentes, plurais e interligadas, da sua principal bandeira e razão de ser. Qualquer Plano B para a Europa implica apontar o dedo acusador ao que está a acontecer em Davos e aos números que mostram as consequências das decisões que estão a ser preparadas lá em cima, mas isso não basta.

Temos de apresentar propostas para que esta outra Europa possa começar a tomar forma no horizonte do possível. E devemos fazê-lo intervindo nas realidades que são fonte e reflexo dessa desigualdade, como a tributação, a precariedade ou a austeridade. Caso contrário, deixaremos o conselho livre para que alguns, chamados Macron ou Filipe VI, continuem a cacarejar sobre a recuperação da confiança popular no projecto europeu baseado numa recuperação econômica do papel maché e outros, pelo seu lado, permanecerão com o monopólio do desmantelamento de mentiras para propor menos direitos, menos liberdades, mais xenofobia e mais luta deste último contra este último.

Sem esse Plano B contra as desigualdades, o debate sobre a Europa ficará preso na armadilha que nos obriga a escolher entre o neoliberalismo ou o racismo, entre a austeridade ou a exclusão, entre a globalização das elites de Davos e a retirada nacional excludente de Le Pen e Trump. Esta dicotomia se rompe atacando seu flanco mais fraco e mais evidente: a

desigualdade predatória que tanto propõe como alimenta. Porque nossa luta é contra as elites que provocam a desigualdade e contra aqueles que se aproveitam dela para transformar os mais espancados em bodes expiatórios e exculpadores dos primeiros. Ambos nos encontraremos face a face na luta por uma outra Europa que tenha um dos seus pilares fundadores e fundamentais na luta contra a desigualdade.

Original: [El Salto Diario](#)